

Perspectiva de Ensino: a Relação entre as Revoluções Haitiana e Francesa¹

Teaching Perspective: the Relation Between the Haitian and French Revolutions

MARLENE L. DAUT²

University of Virginia, Virgínia, Estados Unidos.

FERNANDA LIMA DA SILVA (TRAD.)³

Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília (DF). Brasil.

MARCOS VINÍCIUS LUSTOSA QUEIROZ (TRAD.)⁴

Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília (DF). Brasil.

RESUMO: Este artigo, pensado sobretudo enquanto contribuição pedagógica, volta-se especificamente para o diálogo com professores de história. O texto não apenas apresenta algumas possibilidades de abordagem da Revolução Haitiana em sala de aula, como busca pôr em questão as abordagens tradicionais da temática, discutindo seus erros e limitações. Nesse sentido, é uma contribuição pedagógica relevante para a história, mas também para outras áreas (como o direito) em que a temática da Revolução Haitiana possa ser abordada. Destaque-se, ainda, que, embora seu público imediato sejam os professores, há possibilidades interessantes de apropriação de suas observações por estudantes e pesquisadores em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Revolução Haitiana; Silêncios

ABSTRACT: This article, thought mainly as a pedagogical contribution, turns specifically to the dialogue with history teachers. The text not only presents some possibilities for approaching the Haitian Revolution in the classroom, but also seeks to question traditional approaches to the subject,

1 As coordenadoras e o coordenador do dossiê agradecem imensamente pela oportunidade de publicar esta versão em português. Tradução de Fernanda Lima e Marcos Queiroz.

2 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9106-5771>.

3 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5225-1253>.

4 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3644-7595>.

discussing their errors and limitations. In this sense, the paper is a relevant pedagogical contribution to history, but also to other areas (such as the law) in which the theme of the Haitian Revolution can be addressed. It should also be noted that, although its immediate audience is teachers, there are interesting possibilities of appropriation of the ideas presented for students and researchers in general.

KEYWORDS: Teaching; Hatian Revolution; Silences.

Os eventos que vieram a ser chamados de Revolução Haitiana (1791-1804) e que levaram à liberdade e independência da ex-colônia francesa de São-Domingos têm muitas vezes sido associados, através de uma relação causal, com a Revolução Francesa, cuja *Déclaration des droits de l’homme et du citoyen* (“Declaração do Direitos do Homem e do Cidadão”), ratificada pelos Estados Gerais em 26 de agosto de 1789, teria levado diretamente os africanos escravizados de São Domingos a uma tomada de consciência radical. A ideia de que a designação do art. 2º dos “direitos naturais e imprescritíveis do homem” como “liberdade, propriedade, segurança e resistência à opressão” poderia ter alcançado os africanos escravizados e, consequentemente, inspirando-os a se rebelar forneceu ao Iluminismo o quadro de referência utilizado por muitos estudiosos para entender a Revolução Haitiana. Esses eventos, que duraram treze anos, foram concebidos, então, não apenas como a rebelião de escravos mais bem-sucedida do mundo, mas a única tentativa na época de colocar em prática os ideais democráticos de liberdade e igualdade universais, ideais defendidos, mas não praticados pelos criadores da Declaração. Nick Nesbitt, por exemplo, conta a história de um proprietário de plantação chamado Parham que alegou que um escravo rebelde capturado enquanto se escondia em sua plantação havia sido pego com “panfletos impressos na França, cheios de lugares-comuns sobre os Direitos do Homem e a Sagrada Revolução” (2005, p. 28-29).

No entanto, conectar a revolução do Haiti a uma história sobre direitos humanos universais que começa com a Declaração Francesa e não com o *Acte de l’Indépendance do Haiti* (“Declaração de Independência”) – os alunos podem ler os dois documentos lado a lado para fins comparação – tende a ocultar o fato de que os próprios povos escravizados de São Domingos, e não os filósofos europeus, foram, como escreveu Laurent Dubois, os “protagonistas centrais na demolição da escravidão” (2006, p. 3). “Se vivemos em um mundo em que a democracia não exclui ninguém”, escreve Dubois em outro lugar, “é em grande parte por causa das ações daqueles escravos em São Domingos que insistiam que os direitos humanos também eram seus” (2004, p. 3).

Embora conectar a Revolução Haitiana à Revolução Francesa possa contribuir para desfazer os silêncios em torno do⁵ passado ao tornar mais visível a luta do Haiti pela independência, os educadores (particularmente no nível de graduação) devem estar atentos a duas coisas ao ensinar esses eventos históricos conjuntamente: 1. produzir a crença de que a Revolução Haitiana é importante sobretudo porque pode estar ligada à Revolução Francesa e, 2. co-assinar a ideia de que a Revolução Haitiana pode estar definitivamente ligada de fato, e não meramente na mente das pessoas, ao Iluminismo europeu. Ensinar *perspectiva*⁶ no contexto da era das revoluções significa assinalar que é mais importante observar a crença de muitos fazendeiros e funcionários coloniais de que as pessoas escravizadas se inspiraram na Declaração do que indagar se elas realmente o foram.

A Revolução Haitiana materializou os princípios de liberdade democrática teorizados pela Declaração, estendendo-os aos negros. A crença de que a Revolução Francesa forneceu o léxico necessário para que os africanos escravizados de São Domingos buscassem sua liberdade pode involuntariamente contribuir para o “silenciamento” da Revolução Haitiana descrita por Michel-Rolph Trouillot. Trouillot (1995) argumenta que a revolução foi silenciada enquanto se desenrolava porque “os debates e publicações oficiais da época, incluindo a longa lista de panfletos publicados na França de 1790 a 1804, revelam a incapacidade da maioria dos contemporâneos de entender a revolução em seus termos próprios. Eles só podiam ler as notícias com suas categorias pré-moldadas, e essas categorias eram incompatíveis com a ideia de uma revolução escrava” (TROUILLOT, 1995, p. 73). Em outras palavras, os franceses só podiam compreender a rebelião dos africanos escravizados usando quadros de referência epistemológicos europeus.

Uma maneira de encorajar uma perspectiva mais ampla das causas da Revolução Haitiana é utilizar fontes produzidas no Haiti. Embora muitos escritores franceses, como François-Auguste René de Chateaubriand, tenham relacionado a Revolução de 1789 com a insurreição generalizada dos povos escravizados de São-Domingos em 1791, os escritores de cor⁷

5 Na versão original, a autora se utiliza do verbo *unsilence*, num diálogo, mais à frente explicitado, com o antropólogo e historiador haitiano Michel Trouillot. Dada a ausência de tradução literal, preferiu-se traduzir o termo para desfazer os silêncios (Nota dos tradutores).

6 Destaque dos tradutores.

7 No original em inglês, como é comum na língua e na tradição dos EUA, a autora utiliza o termo *peoples of color* para se referir a pessoas não brancas. Até os oitocentos, essa prática também podia ser observada no Brasil e, embora hoje já não mais o seja, optamos por manter a literalidade do texto (Nota dos tradutores).

de São-Domingos não foram tão rápidos em fazer essa conexão⁸. Julien Raimond contestou a ideia de que futuras rebeliões de escravos possam ter sido inspiradas pela Declaração ou pelo movimento abolicionista transatlântico nascente quando escreveu: “Durante dois séculos, os negros tentaram revoltas em várias regiões; e, no entanto, não havia sequer uma *société des amis des noirs*” (2010, p. 12). O grupo antiescravista chamado *Société des Amis des Noirs* (“Sociedade dos Amigos dos Negros”) foi formado por Jacques-Pierre Brissot de Warville em 1788 antes da tomada da Bastilha em Paris em julho de 1789. O desenvolvimento desta sociedade tem sido associado à Revolução Haitiana porque quando o rei francês convidou o povo da França a apresentar suas queixas em uma reunião dos Estados Gerais, a sociedade recém-formada aproveitou a oportunidade para pedir o fim do tráfico de escravos e a emancipação gradual da escravidão. Raimond, no entanto, insistiu em uma história muito mais longa de consciência revolucionária, que antecedeu a Revolução Francesa e o subsequente surgimento de sociedades abolicionistas francesas: “Oh! Quando a insurreição acontecer, realmente teremos que ir tão longe a ponto de apontar a existência dessa sociedade para explicar a causa? Não seria natural temer que os negros, pensando em sua própria situação, quisessem exigir sua liberdade?” (2010, p. 12). Apresentar aos alunos à interpretação de Raimond pode incentivar uma abordagem mais perspectivada e necessária para pensar a Revolução Haitiana para além do Iluminismo europeu.

Uma das mais conhecidas narrativas do Iluminismo, que, sem querer, minimiza o papel central que as brutalidades gêmeas da escravidão e do racismo colonial desempenharam na definição dos termos da revolução, envolve um conto sobre como Toussaint Louverture se tornou radicalizado por sua leitura da passagem do Spartacus negro da *Histoire des deux Indes* (1770-80; “História das Duas Índias”), um trabalho colaborativo publicado sob o nome do abade Raynal. Muitos dos primeiros historiadores da revolução, como Marcus Rainsford, que produziu a primeira história completa conhecida dos eventos em inglês, disse que Louverture “adquiriu o conhecimento de novas fontes e o gosto por livros de ordem superior [...] o autor por quem ele se apaixonou mais rapidamente foi o abade Raynal, em cujas especulações filosóficas ele se deteve por semanas, sem parar” (2013, p. 152). A passagem da *Histoire* que supostamente inspirou Louverture a

8 Em *Le génie du christianisme*, Chateaubriand mostrou seu desdém pela Revolução Haitiana por escrito: “[Quem] ousaria defender a causa dos negros depois dos crimes que cometeram?” (1: 164).

acreditar que era seu “destino” “vingar os erros cometidos contra sua raça” (p. 154) diz:

Seus escravos não precisam de sua generosidade nem de seus conselhos para quebrar o jugo sacrílego que os oprime. Os negros só querem um líder corajoso para transportá-los para a vingança e para a carnificina. Onde está esse grande homem que a natureza deve a seus filhos vexados, oprimidos e atormentados? Onde está ele, este novo Spartacus? (6: 206-08)

Para que os estudantes evitem uma simetria enganosa que marcaria Louverture como um herói revolucionário legível simplesmente porque ele pode ter lido a filosofia do Iluminismo, leituras que ligam a Revolução Haitiana ao Iluminismo europeu, como faz *Os jacobinos negros*, de CLR James (1963), devem ser contrabalanceadas com fontes que promovam uma compreensão da Revolução Haitiana atrelada às experiências cotidianas das pessoas escravizadas.

Compreender a revolução exige adotar uma hermenêutica rigorosamente atenta aos acontecimentos históricos a ela relacionados, mas ao mesmo tempo sensível às realidades materiais, às particularidades e às perspectivas que levaram os africanos escravizados de São Domingos a criar a primeira república livre e independente do Novo Mundo. Os estudantes podem usar *The Making of Haiti*, de Carolyn Fick, para esse fim, de modo a explorar a vida da “massa de trabalhadores escravos negros que participaram da revolução [haitiana] em seus próprios termos e com interesses e objetivos que incorporam suas próprias necessidades e aspirações” (1990, p. 1). O banco de dados de casamento de Jean-Pierre Le Glaunec pode ser ensinado ao lado do trabalho de Fick para incentivar os estudantes a examinar a relação desses objetivos e aspirações com o trauma contínuo da escravidão. O banco de dados, que contém cerca de 13.000 anúncios de escravos fugitivos que foram publicados no periódico mais lido de São Domingos, *Les affiches américaines* (Notas americanas), entre 1766 e 1790, é na visão de Le Glaunec um arquivo complicado, mas indispensável para obter uma visão interior da vida dos escravizados. “Uma fonte racista e depreciativa que se refere aos escravos como meros objetos perdidos ou animais vadios”, escreve Le Glaunec, “o aviso de escravos fugitivos é, no entanto, uma das fontes mais importantes para entender a maneira como os escravos na colônia de São Domingos recuperaram seus corpos e reivindicaram seu direito à dignidade, mesmo que temporariamente”. Como muitos dos avisos no banco de dados descrevem os fugitivos pelas formas

de marcação ou cicatrizes de chicote cobrindo seus corpos, um modo pelo qual o professor pode transformar a perspectiva aí obtida é pedindo a seus estudantes para ponderar se o conhecimento da violência contra os escravizados, juntamente com as representações populares da rebelião escrava que circulavam no início do mundo moderno – como representado, por exemplo, no famoso romance de Aphra Behn, *Oroonoko* (1688) – poderia contribuir para o desenvolvimento das ideias de liberdade comumente associadas à Revolução Francesa, e não o contrário.

Embora as revoltas organizadas de escravos tenham sido “comparativamente menos numerosas” na ilha antes de 1791 (GEGGUS, 1983, p. 4), africanos fugitivos, anteriormente escravizados, muitas vezes chamados de *marrons*⁹, que criaram comunidades de fugitivos nas montanhas de São Domingos, estavam atacando e devastando plantações desde 1719, particularmente na região de Sud-de-Cap (DEBIEN, 1979, p. 109). Notoriamente, um escravo fugitivo chamado Makandal estava usando veneno e uma vasta rede de *maroons* para semear a rebelião em São Domingos já na década de 1750. Quando de sua captura, em janeiro de 1758, ele foi queimado na fogueira, um ato que fez parte de uma série de execuções espetacularizadas de líderes quilombolas no século XVIII. Um conto do século XVIII intitulado *Makandal, histoire véritable* (Makandal, uma história verdadeira) circulou amplamente depois que apareceu pela primeira vez no *Mercure de France* em setembro de 1787 (Relato). A história pode ser utilizada em sala de aula para demonstrar que as revoltas de escravos e outras formas de rebelião eram uma realidade muito antes da Revolução Francesa ou do surgimento de sociedades abolicionistas transatlânticas¹⁰.

Ensinar sobre a *longue durée* da Revolução Haitiana deve convidar os estudantes a refletir sobre questões não apenas de história (geralmente ensinada como uma cronologia), mas também de perspectiva (compreensão baseada em pontos de vista). Sob essa luz, as Revoluções Francesa e Haitiana podem ser consideradas como tendo uma relação mutuamente constitutiva que não pode ser entendida meramente como causa e efeito.

9 No original, a autora utiliza o termo *maroon*, em geral traduzido para português como *marrons*. O termo, assim como *cimarrones*, expressa a experiência de escravizados que fugiam dos domínios senhoriais para viver em comunidades, urbanas e rurais, de maior ou menor amplitude numérica, na qual houvesse condições de liberdade. Como se observa, é uma experiência análoga àquela dos *quilombolas* no Brasil. A despeito da proximidade das experiências, seguimos a prática, comum à literatura sobre o tema, de manter o vocabulário local (Nota dos tradutores).

10 Em fevereiro de 1788 “Le Makandal” foi traduzido pela londrina Revista Universal de Conhecimento e Prazer como “O Negro Makandal, uma História Autêntica”.

Em vez disso, podemos pedir aos estudantes que pensem em como nossa perspectiva da era das revoluções mudaria se pensássemos nas Revoluções Francesa e Haitiana como eventos paralelos ocorrendo ao longo do “tempo profundo” (DIMOCK, 2001, p. 759). Em outras palavras, como eventos que, por compartilharem uma certa simultaneidade, tiveram consequências longitudinais de ricochete, mas desiguais, não apenas para as localidades geográficas específicas em que ocorreram, mas também em todo o mundo.

Combinar fontes sobre o trauma cotidiano da vida escravizada com fontes sobre a resistência cotidiana dos escravos antes da Revolução Francesa promove uma compreensão da independência haitiana e dos universalismos subsequentes que ela trouxe à existência – por exemplo, que a escravidão deveria ser inequivocamente proibida – como resultado de uma experiência mais longa de violência defensiva nas colônias ou “um Iluminismo escravizado” (DUBOIS, 2006, p. 1). Os escritos do Barão de Vastey, um homem livre de cor ainda na São Domingos colonial que se tornou um dos políticos e escritores mais conhecidos do Haiti recém-independente, catalogou com incríveis detalhes as inúmeras formas de abuso perpetradas contra os escravizados por escravizadores específicos na São Domingos do século XVIII. A leitura dos testemunhos de escravos recolhidos por Vastey em *Le système colonial dévoilé* (1814), recentemente traduzido para o inglês como *The Colonial System Unveiled*, nos confronta com o fato de que os fazendeiros de São Domingos praticavam algumas das punições mais cruéis aos africanos escravizados no mundo atlântico. Essas torturas incluem queimar e enterrar vivos os escravizados; cortar membros, orelhas e outras partes do corpo; sangrar esses seres humanos até a morte; e pregá-los em paredes e árvores. A agressão sexual também assumiu muitas formas. Tal crueldade não apenas fez com que os fazendeiros da colônia temessem constantemente a vingança dos escravizados, que é precisamente o que aprendemos lendo o estudo histórico de Malick Ghachem (2012) *The Old Regime and the Haitian Revolution*, mas também produziu terror perpétuo entre esses trabalhadores cativos, uma perspectiva que pode ser adquirida lendo *The Fear of French Negroes*, de Sara Johnson (2012). A violência física usada pelos escravizados contra os fazendeiros durante a Revolução Haitiana pode ter acabado com as torturas da escravização em São Domingos, mas não acabou com o racismo contra as pessoas de cor.

A Revolução Haitiana forçou a esfera pública global a confrontar e debater abertamente questões de liberdade e igualdade racial. Como tal, foi talvez a tentativa histórica mais visível de destruir os fundamentos do

racismo no século XIX. O racismo do qual escritores de cor como Raimond e Vastey reclamaram em seus numerosos escritos expôs não apenas as terríveis consequências políticas do preconceito de cor, mas também suas terríveis consequências materiais. A Revolução também colocou sérias questões morais não apenas sobre a relação entre liberdade e raça, mas também entre liberdade e a violência usada para alcançá-la. Um personagem do romance de Victor Hugo de 1826 sobre a Revolução Haitiana, *Bug-Jargal* (2004), proclamou: “[Os] *philosophes* geraram os filantropos, que deram à luz os negrófilos, que produziram os comedores de brancos” (p. 68). A escrita haitiana, ao contrário, sinaliza que a violência que os escravizados usavam contra os brancos era menos a violência racial descrita por Hugo e mais uma violência reativa destinada a acabar com o estado permanente de guerra da escravidão moderna.

Utilizar em sala de aula *Stella* (1859), o primeiro romance haitiano, publicado postumamente por Émeric Bergeaud, ao lado de *Bug-Jargal*, pode ajudar os estudantes a perspectivar melhor a violência, de outro modo potencialmente chocante, usada por pessoas de cor em São Domingos para livrar a ilha da escravidão e do domínio colonial. Hugo se concentra em pintar a violência da Revolução Haitiana como resultado de filantropia iluminista equivocada, que em suas palavras se tornou um “veneno nos trópicos” (p. 68). Bergeaud, em contraste, descreve a brutalidade absoluta vivida pelos africanos escravizados, e especialmente pelas mulheres escravizadas, como a principal motivação para a Revolução Haitiana. O estupro e assassinato de uma mulher escravizada chamada Marie é descrito pelo narrador de *Stella* em detalhes explícitos:

[...] o terrível chicote ressoou; uma cena de horror começou, cujos detalhes farão você tremer. Ao barulho que se multiplicava dos golpes, misturaram-se gritos agudos e dilacerantes que foram enfraquecendo pouco a pouco até se transformarem em gemidos. O chicote bate, bate por duas horas. A vítima pulou, se contorceu, rangeu os dentes. Sua boca espumava, suas narinas se dilataram [...]. Não havia mais vida, mas seu corpo ainda tremia e o chicote ainda golpeava, finalmente em um cadáver inerte. (BERGAUD, p. 19)

Embora a noção de que os haitianos entendiam as causas de sua revolução de maneira diferente dos franceses possa ser óbvia para muitos pesquisadores, o mesmo provavelmente não é verdade para muitos estudantes, e eles devem ser encorajados a considerar sempre descrições como as de Bergeaud.

Os livros didáticos mais comuns de história tendem a reproduzir a perspectiva dominante (colonial francesa) e a desconsiderar a perspectiva subalterna (haitiana). A perpetuação dessa tendência pode ser ativamente desencorajada precisamente ensinando sobre a Revolução Haitiana por meio da literatura e das artes. A ficção e outras formas de representação artística podem nos ensinar sobre pessoas que viveram em diferentes épocas de uma maneira mais humana¹¹ do que abordagens imersivas, que envolvem pedir aos estudantes que encenem pessoas escravizadas ou escravizadoras, uma prática que tem sido documentada como traumatizante (DOZONO, 2016, p. 38).

A história da violência sexual na São Domingos colonial é traumática, mas não falar em estupro contribui para o silenciamento mais amplo da vida das pessoas comuns que vivenciaram e contribuíram para a Revolução Haitiana. As muitas tragédias da escravidão devem, portanto, ser incluídas quando ensinamos a importância das diferentes perspectivas. Para contextualizar e mitigar o trauma em curso, histórias sobre a Revolução envolvendo estupro e outras formas de agressão sexual e física, como o seriado “O Mulato” (1837), de Victor Séjour, podem ser abordadas ao lado de pesquisas que definam, detalhem e historicizem as complicações do consentimento e da agência na vida de mulheres e homens escravizados. *Seduction and the Ruses of Power*, de Saidiya Hartman (1996), e *Beyond the Slave Narrative*, de Deborah Jensen (2011), podem ser particularmente úteis para pedir aos alunos que pensem se uma relação sexual entre um escravizador e as pessoas que ele escraviza poderia ser ou não consensual do ponto de vista da pessoa escravizada.

Por fim, qualquer perspectiva da Revolução Haitiana seria incompleta sem prestar atenção ao fato resultante da independência haitiana. Duas pinturas de autores de épocas diferentes convidam à reflexão sobre interpretações contrastantes da transformação da São Domingos colonial em Haiti independente: *Le serment des ancêtres* de Guillaume Guillon-Lethière (1822; “O Juramento dos Antepassados”) e *Dessalines Rasgando o Branco da Bandeira Francesa* (1995) de Madsen Mompremier. A pintura de Guillon-Lethière retrata um Deus branco todo-poderoso reunindo o general do Haiti Jean-Jacques Dessalines (o patrono da independência haitiana) com o general Alexandre Pétion (um dos antigos-rivais de Dessalines e futu-

11 Mais de duzentos romances, poemas e peças sobre a Revolução Haitiana foram publicados no século XIX. Disponível em: haitianrevolutionaryfictions.com.

ro presidente do Haiti) sob a nova constituição do Haiti. Na pintura, vemos Dessalines e Pétion jurando unir-se contra Napoleão Bonaparte, tornando a independência haitiana mais obra de um Deus fantástico do que dos próprios revolucionários humanos. A pintura de Mompremier, em contraste, retrata Dessalines cercado por membros de seu exército e rasgando o branco da bandeira tricolor francesa para criar a atual bandeira haitiana, que é vermelha e azul. O trabalho de independência nacional está apropriadamente ligado aqui à vontade haitiana (negra) e não a poderes sobrenaturais (brancos) cristãos. Uma possível tarefa envolvendo essas pinturas é dividir os estudantes em dois grupos e fazer com que cada grupo desenvolva uma interpretação da independência haitiana com base na pintura atribuída a seus membros. No fim do exercício, a turma pode chegar a *insights* sobre o que significa pensar sobre a Revolução de uma perspectiva religiosa *versus* uma perspectiva secular e como os entendimentos da independência haitiana são racializados de maneira diferente nas distintas pinturas.

Ao fim e ao cabo, reconhecer o significado histórico-mundial da Revolução Haitiana significa sinalizar constantemente sua importância em uma época de revoluções que também incluiu a dos Estados Unidos e a da França. Todos esses eventos são cruciais nos anais da história mundial, mas não tiveram o mesmo sentido de universalidade na imaginação popular (o ator de Hollywood, Danny Glover, por exemplo, continua incapaz de encontrar apoio financeiro para produzir um filme sobre a Revolução Haitiana [OBENSON, 2015]), e não foram pesquisados com o mesmo senso de urgência pelos historiadores. Em um mundo em que a história da escravidão transatlântica é constantemente desmentida – observe a reação causada quando a primeira-dama dos Estados Unidos, Michelle Obama, reconheceu publicamente que a Casa Branca foi construída pelo trabalho escravo (francês) –, a importância da Revolução Haitiana não deve ser subestimada. Foi parte integrante da construção da democracia moderna e deve ser uma peça central em nossa reconstrução das histórias de escravidão e liberdade, racismo e direitos civis.

REFERÊNCIAS

ACCOUNT OF A REMARKABLE CONSPIRACY FORMED BY A NEGRO IN THE ISLAND OF ST. DOMINGO. Common-Place. Edited by Duncan Faherty. Disponível em: jto.common-place.org/wp-content/uploads/sites/2/2016/01/Makandal-text-JTO-version.pdf.

- BERGEAUD, É. *Stella*. E. Dentu, 1859.
- BERGEAUD, É. *Stella: A Novel of the Haitian Revolution*. Edited by Lesley Curtis and Cristen Mucher. New York UP, 2015.
- CHATEAUBRIAND, F.-A. R. de. *Le génie du christianisme*. Garnier-Flammarion, 2 v., 1966.
- CONSTITUTION IMPÉRIALE DE 1805. Haiti-Référence. Disponível em: haiti-reference.com/pages/plan/histoire-et-societe/documents-historiques/constitutions/constitution-imperiale-1805.
- DEBIEN, G. Marronage in the French Caribbean. In: *Maroon Societies: Rebel Slave Communities in the Americas*. Organização: Richard Price. Johns Hopkins UP, 1979. p. 107-34.
- DECLARATION OF THE RIGHTS OF MAN. 1789. Avalon Project. Disponível em: avalon.law.yale.edu/18th_century/rightsof.asp.
- DIMOCK, W. C. Deep Time: American Literature and World History. *American Literary History*, v. 13, n. 4, p. 755-75, 2001.
- DOZONO, T. Historical Experience and the Haitian Revolution in the History Classroom. *Social Studies*, v. 107, n. 1, p. 38-46, jan. 2016.
- DUBOIS, L. *Avengers of the New World*. Harvard UP, 2004.
- DUBOIS, L. An Enslaved Enlightenment: Rethinking the Intellectual History of the French Atlantic. *Social History*, v. 31, n. 1, p. 1-14, feb. 2006.
- FICK, C. *The Making of Haiti: The Saint-Domingue Revolution from Below*. University of Tennessee P, 1990.
- FRENCH, M. Bill O'Reilly Responds to Michelle Obama's DNC Speech: Slaves Who Built the White House Were 'Well Fed'. *U.S. News and World Report*, 27 July 2016, Disponível em: www.usmagazine.com/celebrity-news/news/bill-oreilly-slaves-who-built-white-house-were-well-fed-w431154.
- GEGGUS, D. Slave Resistance Studies and the Saint-Domingue Slave Revolt: Some Preliminary Considerations. *LACC Occasional Papers Series*, 1981-1990, 1 July 1983. Disponível em: digitalcommons.fiu.edu/laccops/Paper4.
- GHACHEM, M. W. *The Old Regime and the Haitian Revolution*. Cambridge UP, 2012.
- GUILLOIN-LETHIÈRE, G. *Le serment des ancêtres*. 1822. Le serment des ancêtres, 1 Jan. 2018. Disponível em: lesermentdesancetres.wordpress.com/about/. Blog of Nathalie Jolivet.
- HARTMAN, S. Seduction and the Ruses of Power. *Callaloo*, v. 19, n. 2, p. 537-60, 1996.

HUGO, V. *Bug-Jargal*. 1826. Editor: Gérard Gengembre. Pocket Classiques, 2004.

JAMES, C. L. R. *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution*. Vintage Books, 1963.

JENSON, D. *Beyond the Slave Narrative: Politics, Sex, and Manuscripts in the Haitian Revolution*. Liverpool UP, 2011.

JOHNSON, S. E. *The Fear of French Negroes: Transcolonial Collaboration in the Revolutionary Americas*. University of California P, 2012.

LE GLAUNEC, J. P. *Marronage in Saint-Domingue (Haïti): History, Memory, Technology*. Disponível em: www.marronnage.info/en/accueil.php.

MOMPREMIER, M. Dessalines Ripping the White from the French Flag. *The Public Archive*, 18 maio 2011. Disponível em: thepublicarchive.com/?p=2389.

OBENSON, T. A. Danny Glover's Toussaint L'Ouverture Film That Never Was, but Could Still Be and Other Films on the Haitian Revolutionary. *IndieWire*, 31 jul. 2015. Disponível em: www.indiewire.com/2015/07/danny-glovers-toussaint-louverture-film-that-never-was-but-could-still-be-other-films-on-the-haitian-revolutionary-235064/.

NESBITT, N. The Idea of 1804. *Yale French Studies*, v. 107, p. 6-38, 2005.

RAIMOND, J. *Réponse aux considérations de M. Moreau, dit Saint-Méry, député à l'Assemblée nationale, sur les colonies*. 1791. Arquivo online. Disponível em: archive.org/details/rponseauxconsi00raim. Acesso em: 20 maio 2010.

RAINSFORD, M. *An Historical Account of the Black Empire of Hayti*. Duke University Press, 2013.

RAYNAL, A. G.-T. *Histoire philosophique et politique des établissemens et du commerce des Européens dans les deux Indes*. 3rd ed. Jean-Leonard Pellet, 10 v., 1780-84.

SÉJOUR, V. The Mulatto. Tradução: Philip Barnard. In: GATES JR., H. L.; MCKAY, Nellie Y.; NORTON, W.W. (ed.). *The Norton Anthology of African American Literature*. Nova Iorque, 1997. p. 353-65.

TROUILLOT, M. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Beacon Press, 1995.

VASTEY, B. de. *The Colonial System Unveiled*. Edição e tradução: Chris Bongie. Liverpool UP, 2015.

VASTEY, B. de. *Le système coloniale dévoilé*. 1814. Arquivo online. Disponível em: archive.org/details/lesystemecolonia00vast. Acesso em: 12 ago. 2008.

Sobre a autora:

Marlene L. Daut | *E-mail:* mld9b@virginia.edu

Doutora em Inglês pela University of Notre Dame. Atualmente, é professora e pesquisadora em *African Diaspora Studies* nos departamentos Africana Studies e American Studies na University of Virginia. Pesquisa e escreve sobre a história e literatura colonial francesa e caribenha.

Sobre a tradutora e o tradutor:

Fernanda Lima da Silva | *E-mail:* ffernanda.slima@gmail.com

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Direito, Estado e Constituição da Universidade de Brasília (FD/UnB). Professora do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP). Membro do Maré – Núcleo de Estudos em Cultura Jurídica e Atlântico Negro (FD/UnB), do Centro de Estudos em Desigualdades e Discriminação (CEDD.FD/UnB) e do Grupo Asa Branca de Criminologia (UFPE/Unicap).

Marcos Vinícius Lustosa Queiroz | *E-mail:* marcosvlq@gmail.com

Doutorando em Direito pela UnB. Sanduíche na Universidad Nacional de Colombia e na Duke University. Coordenador do Clube do Livro e do Peabiru – Núcleo de Pesquisa em História e Constitucionalismo da América Latina. Menção Honrosa no Prêmio Thomas Skidmore (2018).

Artigo convidado.